



## Saiba mais sobre o Punhobol Páginas 6 e 7

### ***Destaques***

#### **CINECLUBE**

O IFomou entrevistou a aluna bolsista Victória Viatroski, que falou sobre o Cineclube e o Projeto Cinema e Literatura. Saiba mais sobre os curtas produzidos pelos alunos do *Campus*, que foram premiados no Festival Primeiro Filme.

Página 3

#### **20 DE SETEMBRO**

Para celebrar a data mais importante dos gaúchos, o IFormou contou um pouco da história da Revolução Farroupilha. Além disso, lembramos os hábitos e costumes da população gaúcha, que fazem do Rio Grande do Sul um estado diferente de qualquer outro.

Página 4

#### **ANIVERSÁRIO**

O IFSul *campus* Camaquã completou 3 anos desde a chegada de seus primeiros alunos. Para comemorar a data, a comunidade acadêmica foi convidada a contar de que forma o IF é importante para a sua vida. Confira alguns dos recados.

Página 5

## Editorial

O jornal IFormou chega a sua sétima edição, referente aos meses de agosto e setembro. Em um bimestre agitado, em que muitos eventos aconteceram, os alunos e professores do *campus* Camaquã obtiveram destaque em várias áreas.

A excelente participação dos estudantes na Mocitec e na Movaci, a premiação de um curta produzido no próprio *campus* e a passagem do terceiro aniversário do IFSul *campus* Camaquã movimentaram os últimos meses.

Porém, a nossa sétima edição traz um destaque especial para um projeto que, através do esporte, tem levado o nome do *campus* a lugares distantes. O Projeto Punhobol, coordenado pelo professor Tales Amorim, já é bastante popular, tanto no *campus* Camaquã, quanto entre os adeptos do esporte no Estado, devido ao grande número de competições que já participou.

Entretanto, muitos alunos ainda não sabem, de fato, do que se trata o esporte. Com o intuito de tirar todas as dúvidas ainda presentes sobre o Punhobol e sobre a sua realização no *campus* Camaquã, o IFormou procurou o professor Tales, que respondeu todas as questões referentes ao esporte que ele mesmo apresentou e ensinou aos alunos do IF.

Além das matérias sobre os acontecimentos do *campus*, esta edição do IFormou, a exemplo das anteriores, leva ao leitor dicas, curiosidades e cultura. Portanto, desejamos a todos uma ótima leitura, e reforçamos o nosso desejo de levar informação de qualidade à comunidade acadêmica do nosso IFSul *campus* Camaquã.

Kevin Oswaldt  
e equipe

## Festival de Música e Artes em Woodstock completa 44 anos

Amanda Ribeiro e Julia Buchorn

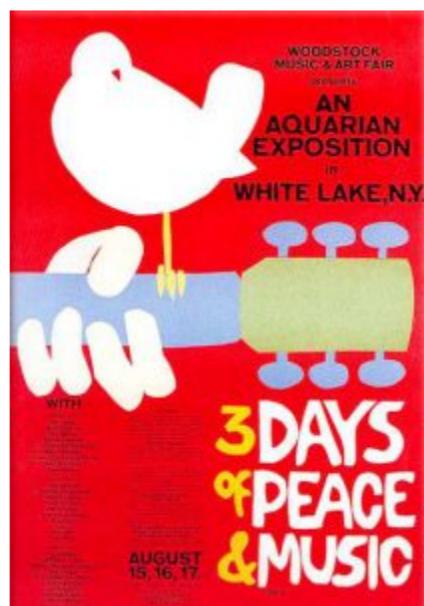
Quarenta e quatro anos se passaram desde o acontecimento do maior evento mundial de busca pela liberdade e paz. O festival de Música e Artes de Woodstock, realizado nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, ficou conhecido como o maior dos festivais, tendo como lema “Três Dias de Paz, Amor e Rock and Roll”.

Woodstock é o nome da cidade escolhida originalmente para abrigar os shows, mas os organizadores desistiram e alugaram uma fazenda em Bethel, localizada a cerca de 160 quilômetros de Nova York, menos de um mês antes da abertura do festival. Para não criar confusão, permaneceu o nome original.

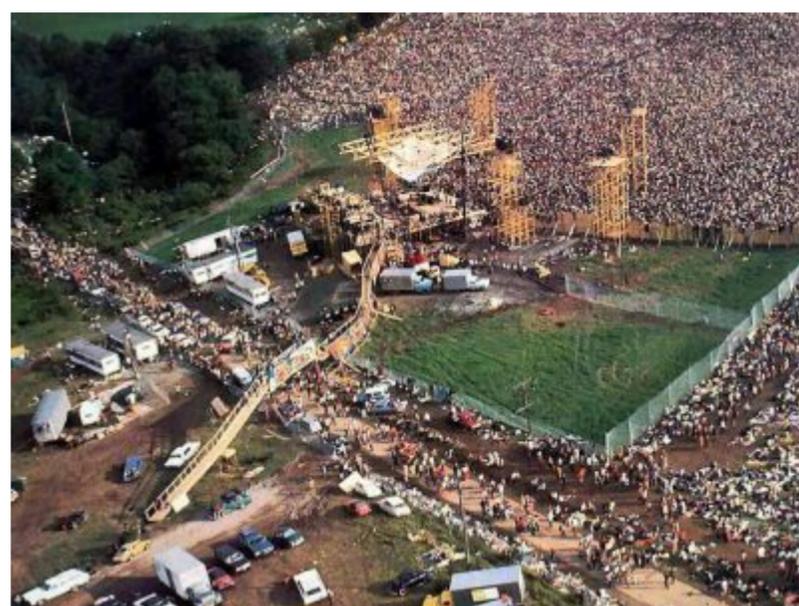
Foi o clima agitado do final da década de 60, um dos períodos mais conturbados em consequência das guerras mundiais, que levou quatro jovens a idealizarem um festival que exemplificou a era hippie e a contracultura da época. Eram eles: John Roberts, Joel Rosenman, Michael Lang e Artie Kornfeld. Participaram do festival consagrados nomes do rock and roll, como Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Joe Cocker, Jefferson Airplane, Santana, Bob Dylan, dentre outros nomes.

Woodstock foi um movimento que representou os reais valores dos jovens da época e também uma forma de protesto contra as guerras, o capitalismo, ressaltando assim a ideia de paz e amor.

**Sugestão:** Taking Woodstock é um filme estadunidense de 2009, dirigido por Ang Lee e baseado na história real do festival de Woodstock.



Pôster do Festival



Mais de meio milhão de pessoas compareceram, e demorando cercas, tomaram o festival um evento gratuito.



Kevin Oswaldt  
Coordenador do Projeto



Amanda Ribeiro



Etiane Nunes



Joana Lellis



Julia Buchorn



Laura Porto



Maicon Fyszer

# Projeto Cinema e Literatura ganha destaque através de produção de curtas

Em entrevista ao IFormou, a bolsista Victória Viatroski contou a trajetória do Cineclube e do Projeto Cinema e Literatura: do argumento ao filme.

Joana Lellis e Maicon Fyszer



Jessyca Antoni, Tamires de Bona e Victória Viatroski exibem o troféu de melhor produção, ganho no Festival Primeiro Filme.

O Projeto Cinema e Literatura: do argumento ao filme, que fazia sessões de cinema na escola, hoje é um grupo grande, que deixou de apenas exibir filmes e passou a produzir seus próprios curtas. Com dois curtas-metragens já produzidos, o grupo participou recentemente de um festival de cinema, no qual receberam o prêmio de melhor produção. Já o Cineclube, trata-se de um grupo independente, que teve sua criação apoiada e incentivada pelo Projeto Cinema e Literatura. O jornal IFormou conversou com a aluna bolsista do projeto, Victória Viatroski (na foto, à esquerda), que nos contou um pouco mais sobre o Projeto.

**IFormou: Primeiramente, você pode contar para quem ainda não conhece muito bem, como começou o Projeto do Cineclube? De onde surgiu a ideia?**

Victória: O Projeto começou em 2010. A professora Vera Haas fez uma pesquisa com as locadoras de Camaquã, e viu que não tinha cinema na cidade e que a procura por esse tipo de narrativa de ficção não verbal e verbal era muito baixa em Camaquã. Ela resolveu, então, criar o Projeto Cinema e Literatura. Em 2011, eu entrei como bolsista do Projeto e nós trabalhávamos

promovendo sessões comentadas de cinema. Convidávamos as escolas, e pedíamos um quilo de alimento não-perecível como ingresso, o que fazia um link com o aspecto social, pois nós levávamos os alimentos arrecadados para entidades carentes. Nessas sessões nós abordávamos questões do filme, ligando ele à literatura e algumas outras matérias, como história e geografia. Nós procurávamos também trazer palestrantes para nos ajudar a ampliar, com os espectadores, o conhecimento de mundo, pois, a partir do momento que nós entramos em uma sala e lemos um filme- pois nós também lemos os filmes-, acabamos absorvendo informações que podem ser analisadas e criticadas para podermos usar na realidade. Agora, com um público formado, nós criamos o grupo - através de oficinas e palestras - para a produção de filmes.

**E quais são os professores que participam do Projeto?**

A Professora Vera Haas, que saiu da instituição a pouco tempo, mas continua orientando o Projeto lá de Sapucaia. O professor Marcelo Kwecko também nos presta apoio, além de alguns professores que foram convidados para as sessões de cinema e que sempre nos ajudam quando precisamos, como os professores Patrick, Lydia, Fabian e a professora Ana Geller, que é uma grande apoiadora do Projeto, porém todos os professores colaboraram de alguma forma.

**Quantos Curtas vocês já produziram?**

Nós produzimos dois curtas-metragens. Um de 8 e outro de 15 minutos. Nós, desde setembro de 2012 estamos produzindo, pois leva tempo a preparação dos atores, a produção do roteiro, os diretores que precisam estudar o roteiro, escolher as câmeras, a forma de filmagem.

Nós produzimos, então, “Jovem Casal”, dirigido pelo Douglas Ávila. O curta retrata um casal jovem. Ele fala de uma inversão de papéis, em que o homem cuida do lar e a mulher trabalha fora, ela gosta de futebol e ele de novela, mas eles são um casal normal. Nós tivemos uma exibição desse curta no IF e gerou uma polêmica por conta da inversão de papéis até pela questão do homossexualismo, ficou a questão se nós gravaríamos... Teve várias questões envolvidas, então...

O segundo curta é mais um romance, nós tentamos abordar mais as questões da natureza, a relação da menina com as estrelas, o gato e o cachorro que aparecem no filme. É mais ou menos um romance.

São testes que estamos fazendo, não são curtas perfeitos. Inclusive, têm pessoas que olham e acham estranho os curtas, até porque foi difícil de contar essas histórias. Os dois curtas foram baseados em contos escritos por alunas do IF. O primeiro foi escrito pela Djoilize Martins e o segundo, pela Natália Oswaldt. O conto da Natália foi bastante intimista, foi um desafio passá-lo para a tela, mas nós fizemos o melhor que pudemos e eu, particularmente, gostei bastante do resultado então, foi muito bom.

**E como foi concorrer no Festival? Qual a sensação de ganhar um prêmio, sendo que vocês começaram como um pequeno Projeto para a escola?**

Foi muito emocionante. Nós fizemos o melhor que pudemos, cada um deu o melhor de si. Nós nos divertimos muito, que é o mais importante, porque todo mundo gosta do que faz e aprende muito com isso. No festival nós concorremos, entre 42 filmes, com os nossos dois curtas. Nós não esperávamos muito, até porque não tínhamos parâmetro para saber a qualidade do que tínhamos produzido. Então, na pré-seleção, que é uma etapa do Festival, os dois curtas foram selecionados para ser exibidos no centro cultural Santander, em Porto Alegre. Os jurados escolheram e nós fomos indicados pelo “Jovem Casal” para melhor direção e melhor filme. “Um pedido” foi indicado para melhor trilha original e melhor produção. Nós já estávamos muito felizes só de participar e acabamos ganhando o prêmio de melhor produção! Valeu muito a pena ter participado foi muito emocionante para todos nós!

**E, para finalizar, vocês podem nos contar um pouco sobre a próxima produção do grupo?**

O próximo curta é baseado em um conto chamado “Aparição” e nós estamos um pouco receosos em transformá-lo em roteiro de curta-metragem, pois ele seria um ótimo longa-metragem. No entanto, nós já estamos produzindo o roteiro, que acabou atrasando um pouco devido a nossa ida ao Festival de Cinema de Gramado, que nós sempre optamos por ir, pois lá nós aprendemos muito. Então, o roteiro já está sendo produzido e em breve nós começaremos a gravar. Vai levar um tempo, mas esse não será o último curta, nós queremos produzir mais e aperfeiçoar cada vez mais.

Nós gostaríamos de agradecer a Victória pela entrevista concedida e parabenizar todo o grupo do Projeto Cinema e Literatura e do Cineclube pelo primeiro prêmio conquistado. Os dois curtas-metragens estão disponíveis no Youtube.



# 3 Anos de IFSul *campus* Camaquã

Etiane Nunes e Laura Porto



Há três anos, no dia 27 de setembro de 2010, começavam as atividades acadêmicas no nosso *campus*. Desde as primeiras turmas que ingressaram até os calouros deste ano, já temos muitos acontecimentos para contar, como por exemplo, as Feiras e Mostras Científicas, visitas de atletas internacionais, oficinas abertas ao público e sessões de cinema comentadas pelos próprios diretores dos filmes.

Além disso, no decorrer destes três anos, o número de estudantes não residentes da cidade de Camaquã aumentou, isto devido ao fato de que a qualidade de ensino do Instituto é referência na região. Assim, ocorre uma troca entre aquelas pessoas que moram em Camaquã com aquelas que são de municípios vizinhos, seja nos costumes de determinada cidade e até mesmo diferenças no vocabulário.

Para comemorar esta data, a direção-geral do *campus* preparou diversas atividades, como por exemplo, o Livro da Memória, no qual alunos, professores e funcionários podem responder: “O que o IFSul *campus* Camaquã representa para mim?”. Confira abaixo alguns recados:

*“Parabéns! Celebrar mais um ano é agradecer todas as coisas realizadas, por todos alunos que ingressaram, por todos que se formaram, por novas conquistas, aprendizados e muito mais. Que possamos sempre ser mais fortes juntos. Que possamos ir adiante e que aprendamos com cada erro. Mais uma vez parabéns! God bless us all”* Lydia Tessmann Mulling

*“Para mim, o IFSul é um lugar que abre caminhos para realizarmos nossos sonhos e nos oportuniza novos conhecimentos. É mais que um instituto, é uma grande família. Tenho orgulho de fazer parte desta família. Que venham muitos e muito anos e histórias... Parabéns pelos três anos!”* Djoilize Martins e Natália Oswaldt

*“Para nós, o IFSul está sendo uma grande oportunidade de crescermos, além de nos ensinar muitas coisas, nos proporcionar momentos inesquecíveis. Obrigado por tudo e Parabéns!”* Sabrina Moczulski, Silvia Jacobsen e Thalia Strelov.

*“Para mim o IFSul representa uma expectativa de crescimento para a nossa cidade, além de ser o lugar onde passo horas do meu dia com muito prazer e entusiasmo. São três anos de trabalho, comprometimento com a educação, compromisso com a comunidade... Parabéns a todos que aqui estão ou estiveram marcando a história dessa Instituição!”* Grazielle Rosales

*“Para mim o IFSul Camaquã é um lugar de encanto, onde grandes profissionais da minha geração, com sua bagagem de formação e experiências, realizam trocas com as gerações mais jovens, oxigenando velhos sonhos, impulsionando novos, realizando conexões entre distintos mundos, que pelo desejo comum por conhecimento se tocam e se complementam. Parabéns IFSul Camaquã, que muitos anos se sigam e que muitas gerações se encontrem por aqui.”* Patrick Kovalski



# Professor Tales Amorim fala sobre o Projeto Punhobol

Joana Lellis e Maicon Fyszer



O punhobol, esporte implementado nas aulas de educação física do IFSul *campus* Camaquã desde 2010, é um esporte já bem conhecido e querido dos alunos do *campus*. Além das aulas, o IFSul conta com dois times de punhobol (feminino e masculino) que já participaram de importantes competições e tiveram algumas conquistas significativas. Dentre algumas atividades ligadas ao punhobol, mais recentemente ocorreu o Workshop, dirigido pelo professor Tales Amorim, responsável por trazer o esporte para a escola. Devido aos acontecimentos e a importância do punhobol na escola, o Jornal IFormou entrevistou o professor Tales que nos contou um pouco mais sobre o esporte.

## Basicamente, o que é o punhobol?

Antes de falar como funciona o punhobol, eu acho que é importante falar sobre o histórico, bem rapidinho. O punhobol é um esporte muito antigo, ele surgiu lá na Itália, onde se tem os primeiros registros, mas ele começou a se organizar na Alemanha, quando começou a imigração alemã para o Brasil, no início do século passado, em mil e novecentos, mil novecentos e pouco, vários alemães trouxeram o punhobol para o Brasil, principalmente para os estados do sul. Então em 1910 surgiu o primeiro departamento de punhobol que foi na Sogipa, aqui em Porto Alegre, por isto que é bastante forte, portanto o punhobol já está

aqui no Brasil a 103 anos. E esse é basicamente a chegada do punhobol no Brasil.

Como é que o punhobol funciona? Normalmente o punhobol é jogado num campo de grama de 50x20 m, um campo muito grande se a gente for comparar com o voleibol que é 18x9 m, com cinco pessoas de cada lado, tem uma rede no meio, para separar as duas equipes, e o básico é que a bola pode bater no chão uma vez antes de cada jogador tocar na bola, e para somar os pontos a bola tem que passar por cima da rede, não pode passar por baixo, a bola não pode bater duas vezes no chão seguidos, se a bola cair de fora da quadra é ponto, se a bola bater em qualquer parte do corpo do jogador que não seja o seu membro superior também é ponto. E o punhobol é basicamente isto, duas equipes de cinco pessoas, uma rede no meio, tem que fazer a bola passar por cima dessa rede, e tem umas regras que determinam quando é ou não ponto.

## Qual é a principal diferença entre esse esporte e, por exemplo, o voleibol?

No voleibol, além do tamanho da quadra que é bem menor que a do punhobol, são seis jogadores num espaço bem menor para ser coberto, pode-se usar as duas mãos, para fazer a manchete, o toque, quando tu bate na bola com uma mão, normalmente essa mão está aberta, já no punhobol não, só pode usar um membro, não pode tocar com as duas mãos, os dois braços ao mesmo tempo, a mão sempre tem que estar fechada, são cinco jogadores e tem essa facilidade: a bola pode tocar no chão, por isso que a gente costuma dizer que o punhobol é mais fácil de ensinar e as pessoas acabam gostando mais porque tem essa facilidade de a bola poder bater no chão, já no voleibol se a bola tocou no chão acabou o ponto, no punhobol se a bola bater no chão ainda tem-se a chance de o jogo continuar e essas eu acho que seriam as principais diferenças entre o vôlei e o punhobol.

## E como foi a escolha de trazer esse esporte para o IFSul?

Bom, eu conheci o punhobol lá em 2001, 2002, quando eu ouvi falar pela primeira vez no punhobol. Eu já era formado, e eu sempre pensava que os meus alunos mereciam ter coisas diferentes do que todo mundo dá, que é o futebol, o vôlei, o basquete, o handebol. E aí eu percebi que eu achei o punhobol legal, e então eu fui ver o mundial do punhobol em 2003, em Porto Alegre, onde eu fiquei mais encantado ainda. Bom, de 2003 até 2008 eu já mostrava o punhobol para os alunos, nas escolas onde eu passei, e todo mundo gostava, o pessoal achava legal, mas eu não ensinava, até porque eu não tinha capacidade para ensinar. A partir de 2008, eu comecei a mostrar um pouquinho mais no *campus* de Pelotas, aonde eu trabalhei. Então eu estudei um pouco mais, comecei a ver mais jogos. Em 2010 eu passei no concurso de Camaquã, e eu era o primeiro professor de educação física, aí eu tinha a chance de colocar aqui o que eu queria. Foi quando eu cheguei até o meu chefe de ensino na época e falei que eu gostaria de colocar o punhobol, ele perguntou o que era o punhobol, eu respondi quais eram as vantagens e ele aceitou. Nós assinamos um documento onde dizia que o punhobol era obrigatório no IFSul *campus* Camaquã, e foi assim que ele chegou, através de mim, da minha vontade e do apoio da direção da época, que mantém até hoje, de achar que o punhobol também é importante para os alunos, além do que nós já estamos mais acostumados.



## Quando e como foi a formação dos primeiros times de punhobol aqui do *campus*?

A primeira equipe surgiu em 2011, e ela só aconteceu porque um cara que é ex-jogador de punhobol, o Eduardo Feistauer Júnior (Duda), que jogava na Sogipa e morava na Chuvisca trabalhando como fisioterapeuta, viu no jornal que eu levei os alunos do IFSul na copa de Porto Alegre, se enlouqueceu e conseguiu arranjar o meu telefone; então ele veio aqui e deu uma palestra para os alunos e para mim, e mostrou umas coisas muito legais. Bom, aí eu disse “cara, porque a gente não forma um time?” e a partir de maio nós começamos a treinar, de vez em quando, no ginásio Alvorada com alunos, professores, como o professor Kwecko, o professor Marcelo da automação, o professor Guilherme do controle ambiental, e formamos o primeiro time, um time de professores que tinha o Duda e um time de alunos. Então em junho de 2011 foi a primeira vez que nós jogamos algum torneio, e o time foi formado graças a esse cara, o Duda foi quem deu essa ideia e partir daí a gente continuou com essas equipes; em 2012 nós montamos a primeira equipe feminina e hoje nós temos uma equipe masculina e uma feminina, graças ao Duda.

*Continua....*



### Quais as conquistas que o IFSul *campus* Camaquã conseguiu?

A gente pode pensar que conquistas tem a ver com o que nós ganhamos em termos de jogos, se nós formos pensar em conquistas do jogo punhobol, as maiores conquistas foram duas: uma delas o time de punhobol dos guris demorou um ano e meio para ganhar o primeiro jogo, eles jogaram mais de 30 jogos e perderam todos, e o mais legal disso foi que ninguém desistiu porque perdeu, alguns desistiram porque reprovou, porque saiu do colégio, ninguém disse algo como “eu não quero mais jogar punhobol porque eu não ganho jogos”, nós só jogávamos com gente que jogava punhobol há muito tempo e perdíamos todos os jogos sendo que eles não desistiram, aí chegou o final de 2012 e nós tivemos a primeira vitória de um time de alunos na Copa Livre de Punhobol (que é o maior campeonato da região) e até agora, em 2013, os meninos já ganharam mais de oito jogos, hoje o IFSul é considerado pelas outras equipes um time que pode ser campeão da rodada; e além disso - nós somos meio loucos - resolvemos entrar para o Campeonato Gaúcho de Punhobol, quem é que participa desse campeonato? a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo – campeã do mundo, a Sociedade Ginástica de Porto Alegre – campeã do mundo, e o IFSul *campus* Camaquã – uma escola; e esse ano os guris ganharam a Sogipa, os guris ganharam o jogo da Sociedade Ginástica de Porto Alegre na primeira etapa do estadual, e isso é um feito, uma escola pública de Camaquã onde os seus

alunos foram lá em Novo Hamburgo e ganharam de uma equipe que é campeã do mundo, sendo que em repertório de jogos essas são as maiores conquistas. Mas tem o projeto, que é o projeto punhobol do IFSul *campus* Camaquã, e esse teve um monte de conquistas.

Esse projeto começou no meio do ano passado, nós ganhamos uma verba para ter dois bolsistas, tinha a Geovana que hoje é da turma 3V e o Martin que é da 3M, e agora tem o Bernardo que é da TCA 7M e a Rúbia que é da TCA 2V, então a gente faz um monte de oficinas, e para resumir as conquistas, nós já trabalhamos com mais de 500 crianças e adolescentes, mais de 170 professores e acadêmicos de educação física, dando oficinas, palestras, indo para as escolas para mostrar o punhobol, trazendo as escolas para cá, visto que várias escolas já vieram aqui, e a maior de todas que é o Workshop, dia 24 agora, que eu acredito que vocês vão perguntar, e graças ao projeto acabou que o IFSul *campus* Camaquã, eu também e o projeto ficamos conhecidos, aí a gente organizou o primeiro fórum de mobilização do punhobol escolar que foi em Porto Alegre esse ano, e sábado depois de amanhã nós vamos participar do primeiro Festival Nacional de Punhobol Escolar, sobre investir no punhobol dentro da escola, que vai ser em Porto Alegre também, e vai ter uma escola de Cristal, duas escolas de Camaquã que vão para lá jogar o punhobol; então nós atingimos muitas crianças, muitas escolas e muitos professores de educação física mostrando o punhobol.

### Você poderia falar um pouco sobre o Workshop?

O Workshop surgiu assim: teve uma semana que foi muito atípica, porque eu recebi três, quatro contatos de pessoas diferentes, de escolas diferentes falando do punhobol “você não podia ir lá na escola mostrar o punhobol?”, duas escolas da zona rural de Camaquã, uma da zona urbana e uma de Rio Grande, então eu já tinha contatos de Bagé, de Venâncio Aires e de Pelotas que o pessoal estava me pedindo, aí eu disse assim “eu não tenho como ir para todos esses lugares porque se não eu não vou poder dar aula, não vou fazer nada, então eu tenho que dar um jeito de reunir todo mundo num mesmo lugar, no mesmo dia...” e foi quando eu bolei que eu iria fazer um Workshop, e então com a ajuda da professora Patrícia nós vimos quais os contatos que nós tínhamos e mandamos um e-mail, a partir desse e-mail apareceram mais de 30 pessoas em menos de 24 horas falando que queriam fazer, aí nós marcamos a data, divulgamos no facebook, colocamos no site do IFSul, resumindo, haviam 59 pessoas interessadas em 15 cidades diferentes para fazer o Workshop, então aconteceu no dia 24, e a ideia surgiu disso de fazer o punhobol chegar em mais pessoas, sendo que algumas pessoas acabaram não vindo, vieram de 13 cidades diferentes, tinham uns 43 professores acadêmicos aqui, passou do dia 24, nós começamos aqui no mini auditório com a parte teórica, depois fomos para o ginásio municipal onde teve um almoço organizado por um grupo de alunos aqui do IF, voltamos para o ginásio municipal e ficamos até as cinco horas da tarde mostrando o punhobol e foi uma experiência muito legal porque nesse mesmo Workshop três pessoas muito importantes e muito mais capazes do que eu vieram me assistir na condição de alunos: o Gastão Englert, que é o atual treinador da seleção americana de punhobol, foi treinador do time brasileiro e campeão mundial como treinador e jogador, ou seja, um dos caras mais conhecidos e respeitados do mundo em relação ao punhobol; e o Jorge Heck, que também é um ex-jogador de punhobol, saiu da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo e tem um projeto fantástico de punhobol; então eles ficaram sabendo do Workshop e perguntaram se podiam assistir e eu respondi “se vocês são loucos vem, podem vir assistir...”, portanto eu tinha três pessoas muito melhores do que eu, que sabem muito mais do que eu sentadas me assistindo, fazendo tudo o que eu pedia e ajudando o pessoal. Então no Workshop tinham pessoas muito capazes do punhobol junto comigo, me ajudando e foi muito bom; e já temos até frutos disso, têm mais pessoas interessadas, eu recebi um e-mail hoje que Rio Grande quer que eu vá até lá levando o Workshop, talvez eu vá a Pelotas no Workshop de final de novembro na universidade de educação física; tudo que o pessoal conheceu no Workshop achou legal e “ah, vamos trazer, vamos levar mais para outros lugares”.



### Então é provável que haja mais um Workshop esse ano?

É muito provável que se tenha mais um, mas em outra cidade, talvez sairá um em Pelotas e um em Rio Grande; e se acontecer eu vou fazer uma divulgação geral para que outras cidades possam ir até Rio Grande e Pelotas, ainda mais porque aqui, por exemplo, tinham pessoas de Venâncio Aires e Porto Alegre que vieram para Camaquã. Então muito provavelmente teremos mais uns dois Workshops esse ano.

### E se alguém estiver interessado em entrar no time, quais são os requisitos? Como se faz?

Bom, eu normalmente faço uma seleção no início do ano; às vezes eu faço uma no meio do ano, caso tenham muitas perdas, então o que provavelmente vai acontecer: em março do ano que vem devem abrir novas vagas, porque no ano que vem muita gente sai daqui do IFSul já que é o ano de formatura, quem é do semestral vai embora em julho, quem é do anual sai em dezembro. Então eu devo abrir certo número de vagas tanto para meninos quanto para meninas, em março; aí nós fazemos alguns treinamentos e aqueles que se destacarem um pouquinho têm a chance de participar da equipe, sendo que a equipe viaja todos os meses, semana passada nós viajamos para Dois Irmãos, agora sábado nós vamos para Porto Alegre e no outro sábado nós vamos a Novo Hamburgo, portanto no mesmo mês são três viagens, então a gurizada está sempre viajando, jogando e conhecendo pessoas importantes no punhobol. Então em março devem abrir novas vagas para homens e mulheres.

## Entrevista com Daniel Galera

Joana Lellis e Maicon Fyszer

Para os leitores e possíveis escritores, após a entrevista com a autora Luisa Geisler, nós entramos em contato com o autor Daniel Galera. Nascido em São Paulo, mas criado em Porto Alegre, Daniel é um renomado escritor, tradutor e jornalista que trata de temas bem polêmicos em suas obras. Nessa entrevista, ele nos fala um pouco mais de sua profissão.

**IFormou: Nos seus livros, você trata de temas bem polêmicos e que retratam a realidade das gerações de 80/90. Você já foi criticado pelos temas abordados? Se preocupa com a crítica? E você escreve pensando naquela geração?**

Daniel: Já recebi críticas variadas a respeito dos temas dos meus livros. Já se disse, por exemplo, que minha literatura é limitada demais aos conflitos da classe média, coisas desse tipo. Não vejo como uma limitação. Tenho interesse em problematizar os problemas e os desafios existenciais da minha geração, sim, e não me importo muito com críticas a esse ponto de vista. Preciso ser fiel à minha voz autoral. A crítica eventualmente me ajuda a entender problemas da minha prosa, mas ela serve mais para o público leitor, que precisa decidir o que ler.

**Apesar de retratar uma década, nos seus textos, nós conseguimos reconhecer realidades que presenciamos ainda hoje. Você vê seus livros como, de certa forma, atemporais devido aos temas?**

A boa literatura tem um aspecto atemporal e universal. Ela ganha significado no tempo em que é publicada, retém esse significado com o passar do tempo e vai ganhando novos significados para novas gerações de leitores. Então ela se torna ao mesmo tempo um portal de acesso para outras épocas, com perspectivas de vida diferentes das atuais, e uma representação de conflitos comuns a quase todos os seres humanos, independentes do contexto histórico. Não estou dizendo que consigo fazer isso com meus livros, mas é o que muitos escritores almejam, e de certa forma eu também tento fazer isso. Essa universalidade nem sempre é intencional. Ela pode ser um resultado fortuito da necessidade de expressão do autor, de seu estilo de narrar etc.

**Outro tema que percebemos ser bem presente nos seus livros são os animais, algumas vezes, inclusive, o mau trato aos animais. Isso é intencional? Tem algum propósito por trás disso? Nós também lemos o comentário de uma leitora sua dizendo que não via animais tão presentes nas histórias desde a Baleia de Graciliano Ramos. Você se inspira no Graciliano nesse aspecto?**

Cães aparecem muito nas minhas histórias, eles sempre me fascinaram. Eu os vejo como uma ligação entre o homem e os animais, entre civilização e natureza primitiva. São animais incrivelmente adaptáveis e estabelecem uma relação complexa com os humanos. Assim, eles me parecem personagens interessantes e têm um poder simbólico bem forte na ficção. Lembro de ter me impressionado com a Baleia do Graciliano, mas não foi por causa dela que escrevi sobre cães. O interesse é pessoal, vem de antes.

**Qual a parte mais difícil de seguir a profissão de escritor? E no início da carreira, qual foi a maior dificuldade?**

O mais difícil é manter uma disciplina de escrita. Escrever exige foco, capacidade de elaborar uma mesma história na cabeça por muito tempo, e ficar sentado no computador escrevendo, revisando, corrigindo, refazendo. Mas nunca tive nenhuma grande dificuldade. Acho que com talento e persistência o espaço do autor acaba aparecendo. Tive sorte, é claro, de encontrar um público leitor. Isso pode ser difícil de explicar e prever.

Nós agradecemos ao autor Daniel Galera pela entrevista concedida. Para ler a entrevista completa acesse: [www.cadernosdacriatividade.wordpress.com](http://www.cadernosdacriatividade.wordpress.com), e para saber um pouco sobre o autor acesse: [ranchocarne.org](http://ranchocarne.org).

---

## Campus Camaquã marca presença na Movaci

Etiane Nunes e Laura Porto

A Movaci, Mostra Venâncio-aiense de Cultura e inovação, que aconteceu entre os dias 23 e 27 de setembro, mobilizou alunos, professores, servidores e a própria comunidade. Estando em sua segunda edição, busca promover e incentivar a pesquisa através da realização de mostra de trabalhos culturais, de inovação tecnologia e iniciação científica, como forma de integrar alunos e professores por meio do ensino, assim como a comunidade geral.

Trazendo uma mistura de cultura, criatividade e educação, a Mostra proporcionou atividades diferenciadas, de acordo com o público alvo. Exposição de trabalhos, oficinas, show de talentos e palco cultural foram algumas atividades programadas.

Vários projetos do IFsul *campus* Camaquã marcaram presença no evento, como por exemplo o “Ciência Através do Microscópio”. Orientado pelo professor Josué Michels, o projeto conta com a participação dos alunos Antonio Lence, Caroline Kruger, Gabriel Bierhals, Henrique Parada e Tamires Hubner.

O Jornal IFormou fez algumas perguntas a uma das integrantes do projeto, Tamires Hubner:

**IFormou: Por que você se interessou em participar da Movaci?**

Tamires: Interessei-me em participar porque além de conhecer outro *campus* e novas pessoas, é também uma forma de adquirir novos conhecimentos.

**Como foi a interação do teu grupo com o restante dos estudantes de Venâncio Aires?**

Interagimos mais somente na hora do almoço, pois alguns alunos do *campus* de Venâncio Aires foram junto para o restaurante onde almoçamos, na outra grande parte ficamos no nosso estande, e também fui só no segundo dia então estava um pouco preocupada com a avaliação!

# Projetos do *campus* são premiados na Mocitec

Etiane Nunes e Laura Porto



A Mocitec – Mostra de Ciências e Tecnologias do IFSul – *Campus* Charqueadas tem acontecido desde 2007, e alcançou sua sétima edição neste ano. O evento aconteceu nos dias 28, 29 e 30 de agosto. Foram inscritos 149 projetos de pesquisa, dos quais 130 projetos dos inscritos foram classificados para a exposição na Mocitec. Estes 130 trabalhos mobilizaram 440 pessoas entre orientadores, coorientadores e alunos expositores. Dentre os municípios que tiveram escolas participantes estão: Arroio do Ratos, São Jerônimo, Triunfo, General Câmara, Charqueadas, Minas do Leão, Sapucaia do Sul, Bagé, Venâncio Aires, Camaquã e Pelotas.

O projeto “Direitos dos Animais – IFSul Camaquã” foi premiado na área de Ciências Humanas, Comportamentais e Artes. O trabalho tem autoria das alunas que cursam o segundo ano de Controle Ambiental Larissa da Rocha, Sabrina Moczulski, Silvia Centeno e Thalia dos Santos, e é orientado pelos professores Sérgio Corrêa e Carla Vianna. Além disso, o projeto “Programa de Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de Camaquã” foi premiado na área de Meio-ambiente. O trabalho tem autoria das alunas Débora Bueno e Manoela Blas, também do curso de Controle

Ambiental, orientadas pelos professores Josué Michels e Sandra Machado.

Além dos projetos premiados, o *campus* Camaquã participou da Mostra com outros dois trabalhos: “Caderno da Criatividade: Conto, Leitura e Autoria em Pauta”, de Giovana Cunha e Joana Lellis, orientadas por Carla Vianna; e “Identificação e Mapeamento das Áreas de Riscos Hidrogeomorfológicos do Ambiente Urbano de Camaquã”, de Thaís Brasil, orientada por Edson Oliveira. Ambos na área de Ciências Humanas, Comportamentais e Artes.

Segundo as alunas, o projeto “Direito dos Animais” surgiu devido a percepção de um grande número de animais de rua encontrados em nosso *campus*. A ideia é de que o projeto continue, mas neste período, as estudantes estão apenas em fase de pesquisa. O grupo já entrou em contato com uma ONG para uma possível atuação conjunta. Como parte da premiação, o projeto recebeu um incentivo financeiro de uma empresa particular, para que continue exercendo suas atividades.

Já o projeto “Programa de Educação Ambiental na Rede Municipal de Ensino de Camaquã” tem uma metodologia que consiste em entrevistas e diagnósticos. Estes foram realizados nas escolas Osvaldo Aranha e Cypriano José Centeno. Além disso, o projeto já tem resultados significativos, como por exemplo, a revitalização da biblioteca e do laboratório da Escola Estadual Donário Lopes.

Ambos os grupos concordam que a participação nestes eventos é importante para adquirir conhecimento bem como experiências, assim servindo de preparação para futuros outros eventos, como Mostras Científicas, Congressos e Feiras Educacionais.



## Vem aí...

Nos dias 21 e 24 de outubro, nas dependências do *campus* Camaquã, acontecem a 3ª Feira de Tecnologia e a 4ª Mostra de Ciências Exatas e Suas Interfaces. Contando com o apoio do CNPQ, a Feira de Tecnologia de Camaquã busca motivar o estudante a exercer uma atividade científica e proporcionar um espaço de divulgação para os trabalhos desenvolvidos em suas instituições de ensino contemplando diferentes áreas de conhecimento.

O *Campus* Camaquã deseja despertar no estudante o interesse pela investigação, observação, construção de conhecimento, bem como estimular a troca de experiências, evidenciando também o comprometimento do IFSul com o ensino, a pesquisa e a extensão.

Por contar com a participação de estudantes de diversas instituições de ensino, a Feira de Tecnologia é um momento importante de integração de jovens cientistas, de familiares dos estudantes e da comunidade. No ano passado, a 2ª Feira de Tecnologia e a 3ª Mostra tiveram a participação de 71 trabalhos inscritos em temáticas variadas, contando com o apoio da Setec.

## Cultura

### Dos livros para as telas

Etiane Nunes e Laura Porto



No dia 27 de setembro de 2012, dia da Revolução Farroupilha, o cinema brasileiro ganhou mais uma grande produção: O Tempo e o Vento. O romance de Érico Veríssimo, que conta a saga das famílias Cambará e Terra, recebe outra adaptação: um filme de Jayme Monjardim que explora cenários bem conhecidos dos gaúchos. Cidades como Pelotas, Bagé e Camaquã serviram de plano de fundo para a história. Além disso, o elenco conta com grandes nomes da dramaturgia brasileira, como Fernanda Montenegro que interpreta Bibiana (foto).

Engana-se quem pensa que a grande obra de Veríssimo ficou apenas nos livros. Ao longo de seus cinquenta anos, desde que o último volume foi publicado, ganhou adaptações nas mais diversas plataformas de comunicação e cultura. Foi na televisão, no teatro e no cinema que os personagens criados por Érico Veríssimo, como Capitão Rodrigo e Ana Terra, deixaram de ter vida somente na imaginação de seus leitores.

#### Sobre o Romance

Mesmo depois de cinco décadas, quando o foi publicado o último volume de “O Arquipélago”, o grande marco de Érico, “O Tempo e o Vento”, continua a encantar geração após geração. Através da saga das famílias Cambará e Terra, Veríssimo traz para seus livros a realidade vivida durante a ocupação do “Continente de São Pedro” (1745) até o fim do Estado Novo (1945), regime político implantado pelo também gaúcho, Getúlio Vargas.

Com certeza quem lê a trilogia do romance constituída por “O Continente”, “O Retrato” e “O Arquipélago”, sendo os dois primeiros divididos em dois volumes e o último em três, terá, sem sombra de dúvidas, uma aula de história sobre a construção do nosso estado.

“O Tempo e o Vento” é a única obra de ficção nacional a se propor, e conseguir, uma reflexão totalizante sobre a formação do país, o conceito de nação, a autoconsciência de um povo, suas responsabilidades, seus deveres etc. E, o que dá a dimensão do artista: tudo isso a partir de um olhar que se quer focalizado no 'regional' Zero Hora, 2012.

#### Mas quem é ele?

Considerado com um dos mais populares escritores brasileiros do século XX, Erico Lopes Veríssimo contribuiu não só para a literatura como também para história do Rio Grande do Sul. Nascido em 17 de dezembro de 1905, na cidade de Cruz Alta, filho de um farmacêutico e de uma dona de casa – Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes, respectivamente – desde criança, Érico já era um bom leitor. Aos 13 anos de idade lia obras de autores nacionais, como Aloísio de Azevedo, mas somente em 1929, que o primeiro texto de Veríssimo foi publicado: Chico: um Conto de Natal.

Sua primeira obra de grande repercussão tanto nacional como internacional foi “Olhai os lírios do campo”, sendo este traduzido para os mais variados idiomas, como o inglês e até mesmo o indonésio. “Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.” – Trecho de “Olhai os Lírios do Campo”.

A partir de então, a carreira do escritor gaúcho ganhou novos rumos podendo transformá-la em profissão. “Posso afirmar que só depois do aparecimento de Olhai os Lírios do Campo é que pude fazer profissão da literatura”. - conta o escritor.

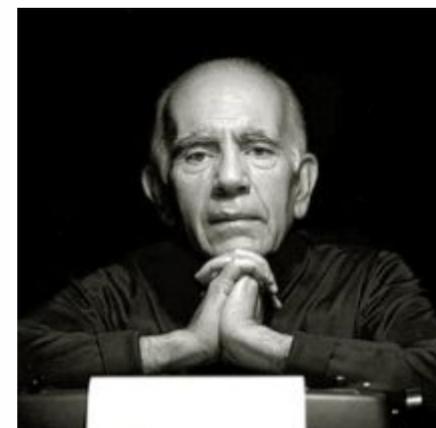
Algumas Obras:

- Clarissa – 1933;
- Caminhos Cruzados – 1935;
- Um Lugar ao Sol – 1936;
- O Resto é Silêncio – 1942;
- O Senhor Embaixador – 1965;

“Em geral quando termino um livro encontro-me numa confusão de sentimentos, um misto de alegria, alívio e vaga tristeza. Relendo a obra mais tarde, quase sempre penso ‘Não era bem isso o que queria dizer’.” - Érico Veríssimo

#### O dia 28 de novembro de 1975

Vítima de enfarte, Érico Veríssimo faleceu no dia 28 de novembro de 1975 com 69 anos de idade. Estava e companhia de sua esposa Mafalda, do filho também escritor, Luis Fernando Veríssimo e da nora Lúcia. Mesmo após 38 anos da sua morte, Érico ainda se faz presente na literatura nacional, que inspira a todos os tipos de leitores. Um legado tão rico, tão cheio de história não tem como ser esquecido.



# GALERIA



